

# UM OLHAR SOBRE AS CRIANÇAS DA CIDADE

*Data de aceite: 02/10/2023*

**Rebeca Rocha Santiago**

## 1 | INTRODUÇÃO

A cidade é o retrato da sociedade como um todo. Ela é palco para diversas expressões humanas, como arte, educação e lazer. Tal cidade, no entanto, parece não olhar com atenção para os pequenos seres que nela habitam: as crianças, que também querem se expressar. Sobre as crianças, segundo Solnit et Al (1987), “presume-se que sejam seres incompletos, ainda não plenamente competentes para determinar e salvaguardar seus interesses. Elas são tidas como dependentes e necessitando de cuidados diretos, íntimos e contínuos por parte dos adultos.” Sendo assim, é papel dos adultos, seja esses representados pelos pais ou pelo governo, garantir que as crianças tenham seus direitos e necessidades garantidos.

O que é realmente importante dentro do meio urbano? As cidades visam o desenvolvimento econômico, o aumento no

PIB (Produto Interno Bruto), a construção de grandes empreendimentos imobiliários. Mas e os moradores que nelas habitam? Acabam ficando em segundo plano, sendo reféns de uma qualidade de vida por vezes deplorável, principalmente nas grandes metrópoles.

Muitas cidades levantam a bandeira da modernidade ressaltando que foram planejadas a fim de proporcionar aos seus habitantes a melhor experiência possível. Mas geralmente o planejamento das cidades se dá de forma a torná-la cada vez mais artificial em vez de aproximá-la do natural que o ser humano precisa ter por perto.

As cidades são criadas pelos adultos, para os adultos. E será que esses adultos estão pensando nas crianças na hora de planejar o espaço público? Será que os espaços públicos são acessíveis e interessantes para as crianças da cidade? “Estão profundamente arraigados nos adultos restrições irracionais quanto à primazia dos interesses da criança. Tais restrições não podem ser defendidas,

exceto por motivo de prioridades claras e imperiosas, quando existe conflito sobre a colocação da criança” (Solnit et Al , 1987). Essa passagem mostra que os desejos dos adultos não podem estar acima dos anseios das crianças, pois elas não são menos importantes judicialmente.

Sendo assim: como as cidades podem começar a olhar para as crianças que nela estão? O que as crianças esperam das cidades? O que pode ser feito para que elas sejam inseridas no meio urbano? A Convenção sobre os Direitos da Criança foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, e entrou em vigor em 2 de setembro de 1990. O artigo 12 diz que “a criança deve ter a oportunidade de ser ouvida em todos os processos judiciais ou administrativos que a afetem, seja diretamente, seja por intermédio de um representante ou de um órgão apropriado, em conformidade com as regras processuais da legislação nacional”. Portanto, as crianças devem ser ouvidas na elaboração de projetos referentes ao planejamento urbano de suas cidades.

O objetivo geral deste trabalho é levantar informações suficientes a fim de inserir as crianças no espaço urbano, formulando uma proposta de intervenção para o bairro Nova Floresta, localizado na cidade de Patos de Minas/MG. O local foi escolhido como objeto de estudo por ser o bairro habitado pela autora deste trabalho, além de apresentar características favoráveis, como longo período de ocupação, grande escala, diferentes classes sociais ocupando, bairro majoritariamente residencial; características essas que contribuirão para uma boa análise e melhor representatividade mediante a cidade como um todo.

Os objetivos específicos são:

- Entender a atual configuração urbana, mostrando se essa respeita as crianças em seu espaço;
- Gerar reflexões sobre as experiências urbanas das crianças;
- Compreender o que as crianças gostariam dentro da cidade e o que de fato elas necessitam.

Reconhecendo esse trabalho como um meio, e não como fim do processo, a metodologia para sua realização será composta por pesquisa bibliográfica, sendo que os principais autores que contribuíram para esta pesquisa foram: Geraldo Peçanha Almeida, Cláudio Tarouco Azevedo (e outros autores), Faraco, Richard Louv e Gandhi Piorski; Além da pesquisa bibliográfica, foi feita coleta de relatos via aplicativo de mensagens (WhatsApp). Para essa coleta, 4 pessoas foram entrevistadas: duas que passaram sua infância na roça, uma que passou sua infância no bairro Nova Floresta - na década de 1980 - e uma que passou sua infância na cidade - na década de 1990. Todos os entrevistados são conhecidos da autora, que direcionou a eles perguntas para que se pudesse conhecer mais sobre a infância desses; Foi feita também uma pesquisa qualitativa através de uma atividade aplicada na escola pública Cônego Getúlio, em Patos de Minas/MG. A atividade

foi aplicada em duas turmas de 5º ano, tendo como objetivo que a criança respondesse à pergunta “para você, como seria a cidade ideal?” O trabalho contou também com a exposição das experiências da infância da autora; A música “A cidade ideal”, do grupo Saltimbancos, também foi analisada para esta pesquisa. Já na fase de confecção do projeto ‘Caminhos na Floresta’ a metodologia foi: estudos de similar, onde 3 projetos urbanísticos foram ponderados como forma de inspiração, sendo eles: Sculptural Playground, Parque Bicentenário Infantil e Projeto Caminhos para Brincar; levantamento de dados no bairro Nova Floresta ; detalhamento do projeto.

## 2 | A CIDADE

Ao longo das gerações, os seres humanos aprenderam a viver em cidades. Abandonou-se a vida nômade que era natural aos animais e começou-se a fazer morada e a se fixar em um só local, local este que era capaz de saciar as principais necessidades humanas, como alimento e água, segurança, lazer, dentre outros. A partir de então, as cidades começaram a nascer e a se construir de maneiras cada vez mais complexas, de modo que hoje é extremamente complicado defini-las e refletir sobre elas.

Segundo Aldo Rossi (2016),

*quando visitamos [...] e percorremos uma cidade, temos experiências diversas, impressões diversas. Há pessoas que detestam um lugar por estar ligado a momentos nefastos da sua vida, outras atribuem a um lugar um carácter fausto; também estas experiências e a soma delas constituem a cidade. Neste sentido, embora seja extremamente difícil para a nossa educação moderna, devemos reconhecer uma qualidade ao espaço.*

A cidade não é definida apenas pela malha urbana, pela estrutura das ruas, pelos grandes arranha-céus e casas modernas ou simples, ou mesmo pelos serviços que ela é capaz de oferecer. A cidade é feita e definida pelos seus moradores, adultos, crianças e animais, que a constroem e a movimentam todos os dias, fazendo com que ela seja um organismo vivo, palco de inúmeras histórias.

Muitos defendem que a cidade é a obra de arte do ser humano, “a coisa humana por excelência”. A cidade é um retrato do homem em seu tempo. Ainda segundo Rossi (2016),

*esta concepção da cidade, ou melhor, dos factos urbanos como obra de arte, tem percorrido o estudo da própria cidade; e, sob a forma de intuições e descrições diversas, podemos reencontrá-la nos artistas de todas as épocas e em muitas manifestações da vida social e religiosa; neste sentido está sempre ligada a um lugar determinado – um lugar, um acontecimento e uma forma na cidade.*

Grande parte dos habitantes do planeta habitam em cidades, mas nenhuma dessas cidades é igual. Cada uma se desenvolveu a partir das pessoas que as deram vida. Vários sociólogos buscaram ao longo das décadas definir o que é a cidade. Definições como “concentração espacial de população com base em certos limites e densidade” e “a difusão

de um sistema de valores, atitudes e comportamento chamado cultura urbana” são feitas pelo mesmo estudioso (Castells, 1977, p. 9). No entanto, o objetivo deste trabalho não é alcançar a definição do conceito de cidade, mas sim identificar “falhas no sistema” que tornam os centros urbanos não acessíveis a todos que nela moram.

Vários são os problemas que as cidades, em especial aqui as brasileiras, enfrentam; problemas esses que podem ser identificados pelos próprios cidadãos. Violência; mobilidade urbana; lixo urbano; poluição do ar, da água e do solo; ocupação em áreas de risco; alagamentos e enchentes; favelização; poluição visual e sonora. A lista é imensa, e só tende a crescer. Os principais afetados por esses problemas são a população de baixa renda, que não tem escolha, sendo obrigada a morar em áreas periféricas, onde esses problemas são mais graves. Além disso, é notório que o poder público não está preocupado em oferecer a essas pessoas espaços de qualidade que favoreçam o lazer e o bem-estar. A cidade não é para todos, em sua integridade. Mas há ainda aqueles que são menos vistos por ela, como as crianças, os animais, os portadores de deficiências físicas e intelectuais, as gestantes, lactantes e os idosos. Os espaços públicos devem proporcionar a todos os seus usuários uma interação com a cidade. “A aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais” (Heitor Frúgoli, 1995). Portanto, é a partir dos espaços da cidade que as interações sociais se enraízam.

## 2.1 E os espaços urbanos?

As cidades brasileiras, no geral, enfrentam déficits quando se trata da estrutura dos espaços públicos. É comum encontrar pela cidade praças sucateadas ou mesmo sem nenhuma árvore, banco ou sombra e vias sem acessibilidade ao pedestre. Em seu livro, Jeff Speck (2017), relata a reflexão do médico Jackson. Ele estava em seu carro no trânsito em uma cidade dos Estados Unidos, onde estava fazendo 35° C. Da janela de seu carro, ele avistou uma senhora andando na calçada carregando dezenas de sacolas pesadas. A partir disso, começou a refletir.

*Se aquela pobre mulher tivesse infartado, nós, médicos, teríamos escrito que a causa da morte havia sido infarto e não falta de árvores, de transporte público, ou um ambiente urbano ruim e os efeitos de ilhas de calor. Se tivesse sido morta por um caminhão, a causa da morte teria sido descrita como “trauma por veículo automotor”, e não falta de calçadas e de transporte, terrível planejamento urbano e fracasso das lideranças políticas.*

Dr. Jackson, a partir do seu insight, reconhece que “o maior risco que as pessoas enfrentam vinha do ambiente construído”. E é justamente esse risco que deve ser combatido nas cidades, transformando-o em bem-estar para as pessoas, para que essas tenham prazer em andar pela cidade.

A cidade tem sido construída não para o ser humano que habita nela, mas para os veículos que nela transitam. “O automóvel é o servo que se tornou senhor. Há sessenta

anos, ele tem sido o fator dominante na formação de nossas cidades” (Jeff Speck, 2017). Quando começar-se-á a construir uma cidade para pessoas? O que os espaços públicos devem ter para satisfazer as necessidades de toda a população?

Os espaços públicos, como praças e parques, são associados quase que imediatamente ao lazer, pois são espaços que as pessoas utilizam principalmente em seus momentos de descanso e de convívio com a família. Os principais amantes desses espaços são as crianças, que necessitam de brincar para alcançar seu pleno desenvolvimento.

Nos dias atuais, a configuração da cidade mudou bastante. As pessoas têm cada vez mais recorrido à apartamentos, devido à segurança e praticidade. E mesmo as casas, em sua maioria, apresentam quintais pequenos, fazendo com que as crianças tenham pouco espaço em seu lar para se movimentarem. Dessa forma, são nas praças, nos parques e nas ruas da cidade que elas podem se divertir e brincar. No entanto, muitos desses espaços não são adequados para que as crianças possam estar. Muitos são perigosos, estão em péssimas condições ou não são acessíveis a maioria das crianças.

Além dessa questão, praças e parques são hoje nas cidades os espaços que garantem a arborização e o contato com a natureza que os habitantes terão em seu cotidiano. O ser humano precisa dessa interação com o natural. As crianças demonstram desde cedo grande interesse pela mãe natureza: galhos, folhas, frutas, sementes; tudo vira brincadeira. As crianças adoram ver os bichinhos, adoram zoológicos. Seus desenhos animados são feitos onde a maioria dos personagens são animais. Ou seja, o ser humano nasce com essa busca natural por aquilo que vem da fauna e da flora, consequência, provavelmente, dos nossos antepassados, e isso deve ser então incorporado nos espaços urbanos, mas infelizmente nem sempre é assim.

“Nas palavras de Lima (1989, p.72), é necessário [...] deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação” (Azevedo et al, 2019). Talvez, ao invés de pensar em construir espaços, como playgrounds, o ideal seria deixar de construí-lo, fazendo com que as crianças utilizassem esses espaços livres pela cidade mais facilmente, explorando sua imaginação e tendo um maior contato com a natureza.

A seguir será exemplificado como os espaços públicos da cidade não estão preocupados em oferecer às crianças um ambiente de qualidade e pensado para elas, assim como um ambiente que valorize o natural.

## **2.2 As praças e os parques da cidade**

É notório que a maioria das cidades não oferecem a todos os seus habitantes a estrutura necessária para que as necessidades de todos sejam supridas. A cidade escolheu para si, segundo Azevedo et al (2019), o adulto produtivo. É a ele que os privilégios da cidade são direcionados. “Porém, a ela também é dos bebês, e das crianças - e dos

velhos, das pessoas com deficiência, das pessoas em situação de rua, das mulheres grávidas e dos animais.” Segundo os mesmos autores, ao analisar pesquisas feitas com crianças, percebe-se que elas desejam que os animais sejam assistidos e que os espaços sejam seguros para todos. Segurança: palavra essa que significa muito quando falamos de crianças. Elas, que são umas das partes mais “frágeis” e vulneráveis da sociedade, necessitam de espaços seguros para simplesmente expressarem suas brincadeiras típicas da idade das crianças.

E onde estão esses espaços naturais dentro das cidades? Muitas vezes em parques fechados e jardins privados. “A natureza se transforma em um item de luxo e passa a ser vendida como um dos principais atrativos do mercado imobiliário e do ramo turístico: ela tem seus consumidores e clientes, significando-lhes certo status social” (Azevedo et al, 2019). Sendo assim, a grande maioria da população brasileira não têm acesso a esses espaços verdes dentro das cidades.



Toma-se o exemplo da cidade de Patos de Minas, no interior de Minas Gerais. A cidade é formada por 153.585 habitantes, segundo o censo de 2020. O ponto principal referência na cidade quando trata-se de espaço público que oferece contato com a natureza é o Parque do Mocambo. O parque é um espaço que possui reserva natural, com várias espécies de plantas e alguns animais, como pássaros e micos. Possui lagoas, nascentes e espaços, como áreas para piquenique e churrasco, playground, academia ao ar livre e quadras esportivas. O parque, sobretudo nos finais de semana e feriados, recebe um grande contingente de famílias que o visitam em busca de um local tranquilo e seguro para suas crianças e cães (ver imagens na próxima página). Mas, mesmo sendo um espaço que oferece qualidade ambiental, ele pode ser considerado um lugar suficiente para toda a população patense?

A reflexão nesse tema leva a crer que não. O parque é localizado na área central da cidade, fazendo com que a população das áreas periféricas não tenha acesso a ele diariamente, ou mesmo semanalmente. Dessa forma, as crianças, as mais interessadas nesse tipo de ambiente, não podem acessá-lo com frequência. “Não adianta a cidade ter muitos parques grandes se eles estiverem longe delas”, relataram as crianças que participaram dos estudos descritos no livro de Azevedo et al (2019).

Voltando a tratar sobre a cidade na visão das crianças, tem-se que para elas o que realmente importa não é a estrutura que a cidade tem a oferecer, mas sim se elas serão capazes de ter acesso a essa estrutura. “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. [...] A gente só descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas.” Frase também relatada no livro de Azevedo et al.

É possível concluir através da observação de dados que, em relação ao parque público da cidade de Patos de Minas, esse se mostra um espaço de qualidade, que oferece às crianças um ambiente seguro e rico em diferentes atividades, além de proporcionar grande contato com plantas e animais. No entanto, esse espaço é acessível a uma pequena parcela das crianças por estar situado na zona central da cidade, não proporcionando acesso às crianças que moram nas áreas periféricas da cidade.

Foram analisadas também praças nos bairros Nova Floresta e Novo Horizonte na mesma cidade, concluindo que essas não são planejadas para crianças ou mesmo para adultos. O principal problema em todas é a falta de arborização, que acaba as tornando inutilizadas em grande parte do dia, devido a forte insolação solar. Outro problema recorrente é a falta de segurança. Durante o dia, o trânsito local não favorece a presença de crianças graças a perigos de acidentes com veículos. Durante a noite, a iluminação não adequada acaba tornando as praças insalubres, sendo alvos de possíveis crimes.

Outro ponto que deve ser considerado em projetos feitos para crianças é a escala. Adultos e crianças apresentam estaturas corporais distintas, e ambas devem ser tidas em conta na hora de se pensar a cidade. Nenhum dos espaços mostrados anteriormente na cidade se mostraram preocupados com essa questão. Bancos, mesas, lixeiras, sinalização... nenhum desses itens é acessível também às crianças.

Para a construção de uma cidade para todos, é fundamental que ela se adeque a escala corporal de todos os seus integrantes. “Podemos ver claramente à frente, periféricamente para os lados, para baixo em certa extensão e muito pouco para cima.” (Azevedo et al, 2019). Essa citação revela que só podemos ver com precisão aquilo que está próximo a nós, principalmente no sentido horizontal. Para cima, pouco podemos ver e nunca tocar, dependendo da altura. Grandes edifícios, por exemplo, se mostram fora da escala dos humanos adultos, quanto mais das crianças.

Na busca por maior qualidade urbana, os vazios dentro da cidade se revelam essenciais, espaços esses onde as crianças poderão brincar livremente e conviver com a natureza. Geralmente, o poder público mostra que a construção de um Playground já é suficiente para entreter as crianças e dar-lhes qualidade de vida. Mas isso pode ser um erro, se esses equipamentos forem apenas jogados pela cidade, sem a devida preocupação com seu entorno. Sem falar que eles pouco ensinam às crianças sobre criatividade, resolução de problemas e respeito ao meio ambiente.

## 3 | A CRIANÇA

### 3.1 Conhecendo as crianças da cidade

No capítulo anterior, discorreu-se sobre a cidade, defendendo-se que essa não está considerando a criança dentro dos espaços públicos. Esse ato nada mais demonstra do que a falta de respeito que o poder público tem em relação às crianças. Isabelle Fillozat (2000) diz em seu livro 'Entendendo o coração das crianças' que "a criança é uma pessoa. A emoção encontra-se no âmago do indivíduo, é a expressão de sua Vida. Saber escutá-la e respeitá-la é escutar sua pessoa e respeitá-la."

As crianças também fazem parte da cidade, não sendo apenas o futuro dela, e também devem ser respeitadas nas decisões de planejamento urbano. Ainda segundo Isabelle (2000),

*Respeitar as emoções da criança é permitir-lhe que sinta quem ela é, que tome consciência de si mesma, aqui e agora. É colocá-la na condição de sujeito. É autorizá-la a mostrar-se diferente de nós. É considerá-la uma pessoa e não um objeto, é dar-lhe a possibilidade de responder, à sua maneira bem particular, à pergunta: quem sou eu? É, também, ajudá-la a realizar-se; permitir-lhe perceber seu "hoje" em relação ao "ontem" e ao "amanhã"; ser consciente de seus recursos, de suas forças, assim como de suas carências; e dar-se conta de que está avançando em um caminho, em seu caminho.*

Portanto, quem são as crianças da cidade? Elas não são como os adultos, são diferentes. A autora citada defende que é preciso mostrar a elas que são realmente diferentes, que são crianças, para que elas se conheçam e descubram seu caminho. Da mesma forma, a cidade também deve reconhecer tal fato: as crianças são diferentes, e essa diferença deve ser entendida a fim de que os ambientes urbanos possam oferecer a elas aquilo que almejam e necessitam.

No entanto, essa desvalorização da opinião das crianças não é algo de agora, mas sim se constitui como uma característica da maioria das civilizações passadas que, assim como hoje, não valorizavam a infância.

Uma ameaça numérica (mágica, divinatória, advinda do mistério) acompanha a infância. Em diversas situações sociais em que subsistem as crianças, como as aquilombadas, crianças escravas, as vítimas de epidemias e de genocídios, as que passam por disciplinas severas, as tornadas combatentes desde antigas batalhas até guerrilhas árabes modernas, educadas para nobreza e realeza, destinadas a educandários, condenadas ao trabalho nas fábricas, extirpadas em sua sexualidade, abandonadas ao entretenimento e consumo, em muitos desses contextos, por um prisma hermenêutico, podemos encontrar a face mitológica da criança, a presença do mistério que ela acorda no mundo. (Piorski, 2020)

As crianças são menosprezadas da Antiguidade até aos dias atuais. Em cada época elas foram exploradas e doutrinadas de uma forma distinta. Piorski (2020) diz que a criança



“é um ser intermediário, estranho, que poderá entrar na vida, como retornar ao outro mundo.” Na antiguidade, onde as técnicas de medicina eram pouco avançadas, muitas crianças morriam ainda muito novas. Dessa forma, não se sabia ao certo se elas sobreviveriam ou não. Portanto, não eram consideradas como seres vivos de fato. Posteriormente, quando atingiam certa idade e saúde, as crianças eram treinadas pela sociedade para se tornarem adultos com determinada função. Em nosso mundo de hoje, as crianças são vítimas do consumo, sendo usadas por empresas e pelo próprio governo a fim de gerar lucros.

“O esquecimento é marca da infância, é o que sempre a tornou marginal à vida cultural e que sempre trabalhou para distanciá-la de si própria, para evitá-la em seu protagonismo” (Piorski, 2020). Nossas cidades têm se esquecido das crianças em seu planejamento como fruto de toda uma história de esquecimento. Até quando se continuará a alimentar essa triste realidade?

O adulto tem a impressionante capacidade de definir prontamente aquilo que é o melhor para a criança. No livro “A observação da criança”, Vayer e Coelho (1990) expressam que “a criança é normal quando responde ao que o adulto espera dela”. Em nossa sociedade, as crianças constantemente não são ouvidas porque são consideradas como ‘bichos’ ou como seres incapazes de pensar e de sentir. Quando uma criança não pensa da maneira como um adulto deseja que essa o faça, aí sim que conclui-se ser essa inábil.

Vayer e Coelho, em seu livro referenciado acima, fazem um estudo de observação com crianças, buscando concluir se apenas o ato de observá-las seria possível para compreender verdadeiramente uma criança. Eles concluem que “a criança é um ser de desejo e de comunicação e aquele que pousa nela o seu olhar só pode apreendê-la verdadeiramente se fizer parte do seu mundo.” Portanto, falta por parte dos urbanistas na hora de planejar a cidade a busca pela opinião também das crianças, que merecem e necessitam ser ouvidas.

As crianças vivem em seu mundo particular. Jean Piaget, um dos principais pensadores que contribuíram para o desenvolvimento infantil e a aprendizagem das crianças, diz em seu livro (1947) que as crianças têm um mundo mágico ao redor de si. “Denominamos ‘magia’ o uso que o indivíduo crê poder fazer das relações de participação a fim de modificar a realidade.” Ou seja, as crianças têm a capacidade de transformar o ambiente ao seu redor com sua imaginação, sendo que o mundo delas não é em sua integridade o mesmo dos adultos. Piaget afirma também que as crianças dão vida a seres inanimados. “O animismo manifesta-se quando as crianças acentuam a espontaneidade do sol que as segue.” Plantas, animais, veículos, mobiliários... para elas todos esses podem ter consciência e sentimentos.

Ainda sobre a imaginação infantil, Piorski (2020) diz que “o agudo mundo das imagens internas da criança dialoga com as formas externas, sempre buscando nestas uma alma, algo por trás do véu. Esta é a natureza do imaginar: sondar a vida pelo encantamento.” A

criança imagina porque dessa forma ela dialogará melhor com seu mundo exterior. “Antes de imitar a realidade do mundo adulto, a criança é governada por um impulso primordial. É um princípio criador, imaginação vital, luz da alma, ascendente, brilhante nos primeiros anos de vida. Nas palavras de Paracelso, médico e alquimista medieval, a imaginação é o astro interior” (Piorski, 2020).

Essas características infantis propiciam o ato de brincar, tão inato a elas. Segundo Erikson (1976), “o jogo é uma função do ego, uma tentativa no sentido de sincronizar os processos corporais e sociais com o eu.” A criança brinca para conhecer seu interior e seu exterior a fim de poder distingui-los. As brincadeiras a auxiliam nessa tarefa. Nesse processo, ela se utiliza de sua fértil imaginação para criar seu próprio universo. Diante disso, as cidades seriam capazes de auxiliar as crianças nessa fase de descobertas, propiciando brincadeiras, com segurança e qualidade, levando em conta a imaginação das crianças.

### **3.2 A natureza e as crianças**

No mundo antigo, a natureza era vista como sagrada. No mundo contemporâneo, a realidade é diferente. Isso se dá por dois motivos essenciais: “o declínio da cosmologia antiga e a exuberante reavaliação e ascensão da religião. A humanidade enfrentou o rompimento com o natural como elemento explicativo do mundo, isto é, não mais elementos da natureza - como a água e o fogo - foram aceitos como o arché do universo” (Faraco, Ceres Berger, 2008). A ascensão de religiões como o cristianismo e o islamismo tirou o foco da natureza em torno do divino, levando as pessoas a criarem uma cultura de exploração natural.

As cidades atuais dão pouco valor à natureza e aos animais porque “o que as move é o mercado, uma vez que há intenso fluxo financeiro no setor. Os animais, assim como a natureza, são coisificados e ficam à mercê de escolhas e ações humanas, em geral, utilitaristas” (Azevedo et al, 2019). Azevedo e outros autores defendem que a maior parte das teorias desenvolvidas na área do urbanismo não levam em consideração as espécies não-humanas. Tal fato é um ultraje quando reconhece-se os benefícios que a interação com os animais podem gerar, além, fundamentalmente, dos direitos que os animais têm mediante sua existência.

Isabelle Filliozat (2000) discorre em seu livro sobre a criação de filhos. Ela dá conselhos aos pais que estão buscando criar suas crianças da melhor maneira possível, respeitando-as e entendendo-as. Ela diz aos pais: “olhe para sua vida e sua maneira de vivê-la. De que modo você vive o que gostaria de ensinar-lhe?” A autora destaca então que os pais são como espelhos para seus filhos, sendo que a ação deles ensinará a maioria das lições que a criança aprenderá ao longo da infância. Se a criança vê seus pais mentindo, por exemplo, aprenderá que isso é o correto a se fazer.

Levando essa perspectiva para a realidade urbana, tem-se que a cidade transmitirá sua mensagem para as crianças, criando valores que a acompanharão por toda a vida.

As cidades não são inclusivas, não respeitam a natureza, dentre outros valores aqui considerados negativos. E esses ficarão inculcados nas mentes das crianças, sendo que poderão se tornar adultos com esses pensamentos.

*Pais, educadores, outros adultos e instituições - a própria cultura - dizem algo para as crianças sobre as dádivas da natureza, mas muitas de nossas ações e crenças - em especial as que não percebemos que estamos transmitindo - passam outra mensagem. E as crianças ouvem bem. (Louv, 2016)*

As crianças ouvem bem. Como aprenderão a respeitar o meio ambiente se não tiverem contato com ele? Contato diário. Contato que lhes permita não só olhar e admirar, mas também intervir, cuidar, preservar.

No Livro 'A última criança na natureza', Richard Louv defende a tese de que as crianças estão com déficit de natureza, e que elas precisam urgentemente ocupar espaços naturais em seu dia a dia.

*Muitas pessoas da minha geração se tornaram adultos assumindo que a presença da natureza estava garantida; nós presumimos - quando pensávamos no assunto - que as gerações futuras também teria um contato com esse universo. Mas alguma coisa mudou. Agora vemos o surgimento do que passei a chamar de transtorno do déficit de natureza. Esse termo não representa, de forma nenhuma, um diagnóstico médico, mas oferece uma maneira de pensar sobre o problema - com foco nas crianças e em todos nós também. (Louv, 2016)*

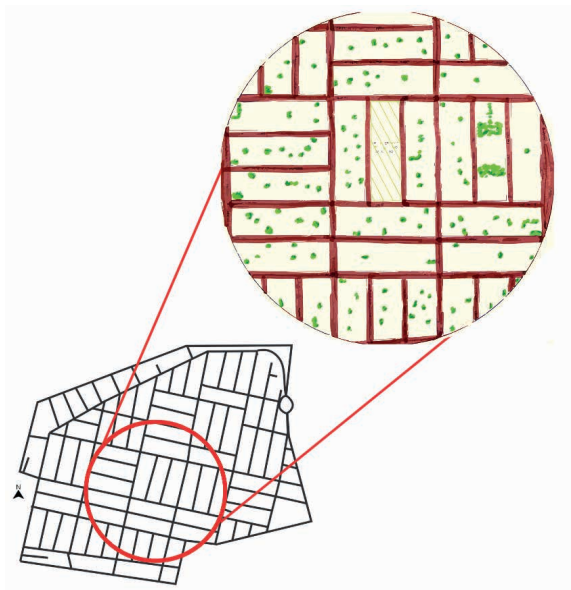
Richard relata em seu livro uma pesquisa feita em um artigo apresentado à American Psychological Society em 1993, onde 1220 funcionários do setor público e privado passam por um teste. Eles deveriam escrever uma redação sobre um determinado tema. Metade desses funcionários tiveram, antes de escrever a redação, contato com uma reserva natural, enquanto que a outra metade não teve. "Aqueles que tinham caminhado pela reserva natural tiveram um desempenho melhor do que os outros em tarefas de revisão padrão. Eles também relataram emoções mais positivas e menos raiva." (Louv, 2016)

O contato com a natureza, portanto, é capaz de ajudar o ser humano na execução de suas tarefas diárias, ajudando na concentração, e interferindo nos índices de estresse. Louv, no entanto, acredita que esse contato, para se tornar eficaz, deve ser diário. "O maior problema enfrentado pelas crianças não é a ausência de experiências em paisagens exuberantes, mas a falta de contato diário com os elementos." (Louv, 2016)

Em seu livro, Azevedo et al (2019) destaca a frase de Léa Tiriba (2005): "como aprender a respeitar a natureza se as crianças não convivem com seus elementos?" Destacou-se que as crianças nascem com o gosto por aquilo que é natural. Elas amam escutar e aprender a imitar os sons dos animais, por exemplo. Mas ao longo de sua vida vão perdendo esse interesse. Mas, se elas não conviverem com a natureza, é realmente aceitável que o gosto, e até mesmo o respeito, se percam. A cidade tem então o desafio de incentivar o respeito pelo meio ambiente a fim de buscar garantir um futuro melhor para

todos.

O mapa abaixo é um recorte do bairro Nova Floresta, em Patos de Minas/MG, feito a fim de avaliar a presença de quintais nas casas do local. Já que os equipamentos urbanos do bairro se mostram ineficientes em oferecer áreas verdes às crianças, uma boa solução para esse problema seria a presença de quintais nas casas para que as crianças pudessem brincar mais livremente. No entanto, através da avaliação da vista superior dos lotes, percebe-se que a maioria das casas ou não tem quintais, ou o tem, mas bem pequeno



A OMS (Organização Mundial de Saúde) informa que, para que uma criança cresça de forma saudável, ela deve ter acesso a no mínimo 12 m<sup>2</sup> de área verde em seu dia a dia. Sendo assim, pode-se concluir que a maioria das crianças do bairro Nova Floresta não estão tendo muito contato com a natureza da forma como deveriam, pois suas casas e seu bairro não favorecem esse ato.

*Normalmente, o primeiro contato com a natureza se dá no quintal da casa; em seguida, em áreas adjacentes, se tivermos sorte de viver perto de alguma. Mesmo assim, muitos pais que moram perto de florestas, campos, cânions ou riachos dizem aos filhos para nunca brincarem nessas áreas - por causa do medo em relação a pessoas desconhecidas ou porque as crianças simplesmente não se interessam. (Louv, 2016)*

Com a pandemia de Covid-19, durante os anos de 2020 e 2021, as crianças brasileiras se viram obrigadas a permanecer em casa. Durante esse tempo, o único contato com a natureza que poderiam ter tido seria em suas próprias casas. Como se viu, poucas casas atualmente têm quintais de qualidade que sirvam como espaço de brincadeiras. Isso leva à reflexão de que é preciso que o poder público volte seu olhar para esse fato,

propondo soluções para tal.

“As crianças de hoje não são mais como as de antigamente.” Frase essa tão usada dentro do vocabulário popular acaba colocando a culpa em cima das crianças por não mais brincarem como no passado. Mas como o farão? As cidades não mais propiciam as mesmas brincadeiras de roda, de rua, que eram comuns.

Para aqueles que são pais, um dos maiores desafios da atualidade é conseguir desviar a atenção de seus filhos do mundo tecnológico. Filliozat (2000) diz: “nenhum pai ou mãe gosta de ver o filho aboletado na poltrona diante do televisor ou agarrado aos videogames.” É sabido que o excesso de telas pode gerar problemas no desenvolvimento das crianças. A OMS (Organização Mundial de Saúde) recomenda que crianças menores de 2 anos não tenham nenhum acesso a telas, a fim de não atrapalhar seu desenvolvimento cognitivo e motor.

O Children’s Hospital and Regional Medical Center em Seattle defende em que cada hora em que crianças em idade pré-escolar passam diante da televisão por dia, aumenta em 10% a probabilidade de que desenvolvam problemas de concentração e outros sintomas do transtorno do déficit de atenção por volta dos sete anos de idade. (Louv, 2016)

O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno que afeta milhares de crianças no mundo todo. Segundo Richard Louv (2016), esse transtorno tem se tornado comum porque ele se acentua quando as pessoas direcionam seu foco em tarefas específicas, o que se tornou rotineiro nos dias atuais com a ascensão da tecnologia. Para ele, através dos dados obtidos em sua pesquisa, o contato com a natureza diariamente é capaz de treinar nosso cérebro a se concentrar em diversos estímulos, como os diferentes sons, diferentes cheiros e gostos e variadas paisagens.

Uma prova disso são os estudos feitos pela Universidade de Illinois. Através de sua análise, a universidade faz a seguinte recomendação para os pais de crianças com TDAH; eles devem:

- *Encorajar as crianças a brincar ao ar livre em espaços verdes e defender o recreio em pátios verdes.*
- *Plantar e cuidar de árvores e de vegetação em sua residência.*
- *Valorizar e cuidar das árvores na comunidade. Cuidar das árvores significa cuidar das pessoas.*
- *Encorajá-los a estudar ou a brincar em quartos com vista para a natureza.*

(Louv, 2016)

Mais uma vez, as cidades poderiam ajudar os pais nessa tarefa, sendo atrativas para as crianças, acessíveis e seguras, proporcionando lindas paisagens através da janela e incentivando o cuidado com plantas e animais.

As cidades não estão preparadas para receber as crianças, sua imaginação e suas brincadeiras. É preciso olhar para elas com mais respeito, cuidado e atenção. Almeida

(2014) diz que “ambiente educativo é um espaço humanizado. Espaço humanizado é um ambiente educativo”. Portanto, é preciso humanizar os espaços da cidade, para que se tornem espaços educativos, seguros e preparados para receber as crianças em seus processos de divertimento e aprendizado.

## 4 | AS BRINCADEIRAS

Brincar: o trabalho da criança. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, crianças menores de 14 anos estão expressamente proibidas de prestar qualquer tipo de trabalho. Essa fase é um período onde o indivíduo se preocupará em conhecer o mundo ao seu redor e a si mesmo, a fim de desenvolver posteriormente sua própria contribuição para o planeta.

Este capítulo tem como objetivo fazer um apanhado de brincadeiras e atividades que as crianças gostam de desenvolver, mas que também as auxiliam em seu processo de aprendizado. O livro ‘Teoria e prática em psicomotricidade’, de Geraldo Peçanha de Almeida (2014), tem a proposta de trazer um compilado de brincadeiras que promovem o desenvolvimento infantil em diversas áreas. O livro foi escrito principalmente para psicomotricistas e educadores.

Segundo Almeida (2014), psicomotricidade “é a ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo.” As brincadeiras infantis não tem o fim somente do divertimento, mas também da promoção da psicomotricidade, desenvolvendo coordenação motora ampla e fina, percepção musical, olfativa, gustativa, espacial, temporal e corporal.

Piorski (2020) diz em seu livro que brincar é o momento infantil em que a criança utilizará de todos os artifícios para se sentir parte do mundo.

*O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar como a vida. Esse desejo embrenha a criança nas coisas existentes. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa.*

A seguir, será feita a definição de características importantes para o desenvolvimento infantil - tendo como base o livro ‘Teoria e prática em psicomotricidade’ - além de mostrado brincadeiras e atividades que podem contribuir para a aquisição dessas.

### 4.1 Habilidades infantis

A coordenação motora ampla está relacionada ao movimento dos membros superiores (braços, ombros, pescoço, cabeça) e inferiores (pernas, pés, quadris).

Atividades que auxiliam em seu desenvolvimento: fazer dobraduras gigantes;

montar quebra-cabeça gigante no chão; fazer pinturas no corpo; girar e pular fitas coloridas; jogar bola em um cesto; entrar em caixas de papelão; fazer circuitos com bambolês; fazer circuitos com garrafas; amarelinha; futebol; rodar pneu de borracha; estátua; esconde-esconde; cantigas de roda.

Já a coordenação motora fina está relacionada aos movimentos das mãos e dos dedos, especialmente aqueles entre mãos e olhos.

Atividades que auxiliam na sua aquisição: recortar papel; pintar e desenhar; fazer brinquedos com sucata; bola de gude; cartas de baralho; dominós; colecionar figurinhas; boliche; massinha; dardos; bambolê; pular corda; modelagem em argila; jogo de argolas; futebol de botão.

A criança precisa adquirir várias percepções, que a ajudarão a interagir melhor com o mundo ao seu redor. A primeira a ser destacada será a percepção musical. Essa não visa desenvolver excelência, mas promover uma estimulação que envolve questões de musicalização e vocalização.

Atividades que auxiliam na aquisição da percepção musical: músicas folclóricas; sons bucais; sons da natureza; sons produzidos por instrumentos; assobios; artigos de percussão, tais como tambor, chocalho, reco-reco.

Outras percepções são a olfativa e a gustativa. Essas são muito importantes para a criança, pois a ajudarão a reconhecer perfumes e sabores.

Atividades que favorecem o aprendizado dessas percepções: contato com plantas aromáticas; contato com perfumes; provar diferentes sabores; conhecer alimentos exóticos; conhecer sabores doces, azedos, salgados, amargos e picantes.

A percepção espacial é aquela que dará à criança a condição de reconhecer, interferir e agir sobre o espaço. E a percepção corporal é aquela que levará a criança a conhecer melhor seu próprio corpo, sensações e emoções. Abaixo serão destacadas atividades que auxiliam no desenvolvimento dessas percepções: caça palavras; labirintos; mapas; relógio de sol; bússola; peteca; jogo da velha; trilha; xadrez; cabra-cega; areia; bolas; basquete; dama; bonecos; fantasias; ioiô; pega varetas; danças.

Por fim, destaca-se a percepção temporal, tão importante e, ao mesmo tempo, tão difícil de ensinar a uma criança, pois ela tende a misturar tempo real com ficcional. A noção temporal levará a criança a compreender a passagem dos minutos, horas, dias, meses e anos e a desenvolver melhor sua rotina diária.

Atividades que auxiliam na noção temporal: conta gotas; calendário; histórias; relógios.

Todas essas atividades são comumente utilizadas por professores da educação infantil, a fim de transmitir esses saberes aos seus alunos. Mas os equipamentos urbanos também poderiam contribuir ainda mais para a formação das crianças, estimulando e dando suporte para o desenvolvimento de várias atividades educativas como essas mostradas acima. Almeida (2014) ainda diz que

*Os ambientes psicomotores educativos são aqueles em que se busca explorar cada ação acontecida ali. Toda e qualquer relação humana tem de ser considerada porque a criança está em pleno momento de construção de referências para ela e para o mundo. [...] O ambiente educativo é aquele que vai proporcionar toda uma exploração por parte da criança. [...] É neste ambiente educativo em que a criança poderá viver uma porção de faz de contas que lhe serão importantes fonte de percepções. [...] Tudo porque ali se constrói enquanto se vive todas aquelas dimensões, com todos os recursos disponíveis.*

Sendo assim, a cidade pode passar a ser também um ambiente educativo, à medida que ela toma consciência de seu potencial educador para as crianças que nela estão e que busca recursos para isso.

## **4.2 Brincadeiras da terra**

Todas as brincadeiras relatadas no tópico anterior são frutos de estudos de pedagogos e psicólogos que, ao longo do tempo, desenvolveram atividades, mediante pesquisas, que poderiam ajudar as crianças em seu aprendizado e desenvolvimento. Tais atividades são muito benéficas, e acompanham as crianças atuais e de épocas passadas.

No entanto, há também aquelas brincadeiras que surgem de forma involuntária, quase que inatas aos seres humanos, podendo ser relatadas em diferentes culturas ao redor do planeta. Gandhi Piorski, em seu livro 'Brinquedos do chão' (2020), escreve sobre sua pesquisa acadêmica, em que ele pesquisou em dezenas de comunidades, sobretudo no nordeste brasileiro, acerca das brincadeiras infantis. Ele analisou e fez um levantamento de diversas brincadeiras realizadas por esses grupos, concluindo que muitas delas se repetiam, sendo que crianças de diferentes localidades brincavam da mesma forma, sem terem contato uma com a outra em nenhum momento.

Piorski atribui a esse fato características e desejos que todas as crianças tem em comum, que estão ligados, primeiramente, com a mesma origem de todos os seres vivos: o útero, a terra.

A seguir, será listado algumas brincadeiras citadas em seu livro: brincar de casinha; brincar de comidinha; brincar de fazendinha; brincar de casamento; brincar de funeral e enterros; abrir animais; brinquedos com entranhas e ossos de animais; fazer tinta a partir de plantas; fazer copos a partir de flores, como lírios; fazer de pétalas de flores esmalte para as unhas; fazer apitos de folhas; fazer guirlandas com flores.

Todas essas brincadeiras estão presentes em culturas do passado, onde a maioria das famílias ainda moravam em roças e fazendas, e em culturas atuais, em localidades menos urbanizadas e com menos acesso a aparelhos eletrônicos.

Brincar de casinha é uma atividade infantil muito comum, e que a maioria das crianças, atuais ou do passado, brincaram em algum momento. É engraçado quando se lembra da menina que foge dos trabalhos domésticos exigidos pela mãe para brincar de casinha no quintal. Piorski atribui a isso a vontade de imaginação da criança, que será



podada se estiver realizando uma atividade de forma obrigatória e imposta.

É engraçado também como a criança, ao brincar de casinha, não o faz apenas em seu próprio quarto, mas procura construir uma cabana de lençóis para brincar.

*A casinha de palha, o bambu debaixo das moitas, construída pelo trabalho engenhoso da criança, é abrigo acolhedor, refúgio de intimidades. A casinha ou cabana de lençóis, com luz tênue no escuro do próprio quarto, embrenha a criança numa busca do mistério, do íntimo mais íntimo de sua própria casa, de seu próprio quarto. (Piorski, 2020)*

Piorski defende que o brincar de casinha é uma atividade herdada de nossos desejos ancestrais, dos homens das cavernas. Estar na gruta, no escondido, faz com que a criança esteja mais perto de si mesma, sinta sua respiração e seus batimentos, e entenda melhor seus próprios sentimentos. É comum encontrar crianças sozinhas, debaixo da cama, atrás da porta, conversando baixinho consigo mesma ou apenas em silêncio.

*A criança que vive as entranhas da gruta ou da caverna nutre-se do silêncio e da coragem para reconhecer dimensões múltiplas de seu ser e saber ouvi-las sem pavor, sem desespero desagregador. O subterrâneo funciona como uma espécie de reflexo para o sentimento da criança. Seu estado emocional é que determina suas impressões, advindas especialmente do ouvir, pois a gruta é uma concha de ressonância. (Piorski, 2020)*

É comum também ver crianças brincando de casamento, novenas, missas, funerais e enterros. Piorski diz que as crianças brincam com os ritos e tradições humanos como uma forma de compreendê-los melhor. A morte, por exemplo, vira tema de brincadeira para que elas entendam e tomem a percepção do drama da finitude da vida.

Crianças tendem a brincar de abrir insetos, lagartixas, calangos... ou ainda simplesmente brincam de destruir seus brinquedos. Para isso, Piorski também apresenta uma explicação.

*É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro. Se essa curiosidade de arrombamento é realmente natural ao homem, não é de admirar, digamos de passagem, que não saibamos dar a criança um brinquedo de profundidade, um brinquedo que satisfaça realmente sua curiosidade profunda? (Piorski, 2020)*

As crianças têm a curiosidade de saber o que há dentro das coisas, por isso, muitas vezes, a quebram. O que mostra que os brinquedos no geral não são capazes por si só de satisfazer a curiosidade das crianças, sendo necessário algo a mais.

Os pequenos, principalmente aqueles que têm mais contato com o meio ambiente, brincam com a própria natureza, com as folhas, flores, galhos, árvores e animais... Esse ato é importante para que a criança entenda a origem de si e do universo.

*Generosamente, a imaginação mostra a criança que as formas da flora contêm as formas da vida e de todos os seres. Das galinhas, dos patinhos, dos boizinhos, dos porcos, dos galos, dos cavalos, dos peixes, do humano, das estrelas e do sol, entre outros. A morfologia do brincar telúrico cria senso de parentesco, similitude e unidade à existência. (Piorski, 2020)*

As cidades precisam mudar. Pensar na criança é pensar nos jovens, é pensar nos adultos, é pensar nos idosos, é pensar no planeta. As cidades precisam voltar a gerar experiências com a terra, com a água, com o vento, com os animais. Isso é pensar no ser humano, pensar no meio ambiente. Ser. Humano. Humanizar. Precisamos de espaços humanizados, não somente de boas estradas, mas de boas calçadas, de boas praças, de bons parques, pois são esses espaços que educam, que ensinam sobre o respeito e sobre a vida, são lá onde há pessoas.

“Nem só de perda, de problemas e de dores se constrói um homem forte. A alegria, a brincadeira e a ludicidade também fazem parte da construção do homem” (Almeida, 2014). Para a construção do ser humano, que começa lá na tenra infância, o divertimento é fundamental. Nossas cidades podem ser divertidas, sensíveis, lúdicas, e ainda sim atenderem às demais necessidades da sociedade humana. A cidade ideal é essa: uma cidade que atenda às crianças e adultos, onde as crianças poderão aprender a ser bons adultos, mas também onde os adultos poderão se tornar um pouco mais como as crianças.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este trabalho tenha sido capaz de mostrar como as crianças precisam ser ouvidas para a formação das cidades que elas fazem parte, e que continuarão a habitar no futuro. A cidade, como um todo, precisa dar ouvidos a aquilo que as crianças desejam, pois elas têm o direito de serem ouvidas, e não estão buscando nada que seja impossível. As cidades, especialmente os espaços públicos, precisam ter qualidade para favorecer brincadeiras criativas e diversas às crianças, além de contato com a natureza, que impulsionará o aprendizado delas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Teoria e prática em psicomotricidade**: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

AZEVEDO, Cláudio Tarouco; CHAIGAR, Vânia Alves Martins; LOPES, Ivana Maria Nicola. **A cidade, as crianças e os animais**. São Paulo: Appris Editora, 2019.

BUNTING, Philip. **Como eu cheguei aqui?** São Paulo: Brinque-Book, 2018.

CASTELLS, M. (1977). **The urban question Londres**, Edward Arnold.

EFECA DE PATOS. Efecadepatos.com.br, 2013. Bairro Nova Floresta - 1981. Disponível em <<https://efecadepatos.com.br/?p=4936>>

ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Gov.br, 2022. Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>

FARACO, C. B; SEMINOTTI, N. **Psychosocial Effects of the Intervention with animals in the Classroom.** *Society for Companion Animal Studies Journal*. v. 14, n. 4, p. 9, 2002.

FILLIOZAT, Isabelle. **Entendendo o coração das crianças.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. Folha.uol.com.br, 2022. Menino morre após cair em buraco de seis metros em MG. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/menino-morre-apos-cair-em-buraco-de-seis-metros-em-mg.shtml>>

FRÚGOLI, Heitor. **Espaços públicos e interação social.** São Paulo: Marco Zero, 1995.

GOLDSTEIN, Joseph; FREUD, Anna; J. SOLNIT, Albert. **No interesse da criança?** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

JUSTIÇA BRASILEIRA. Jusbrasil, 2022. Lei 14064/20 | Lei nº 14.064, de 29 de setembro de 2020. Disponível em <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/935762362/lei-14064-20>>

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza.** São Paulo: Aquariana, 2016.

O meu tio. Jacques Tati. França: Film del Centauro, Specta Films, Alter Films, Gray Film, 1958.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Unicef, 2022. Convenção sobre os Direitos da Criança em 24 de setembro de 1990. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. World Health Organization, 2022. Disponível em <<https://www.who.int/pt>>

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança.** Aparecida: Ideias e Letras, 1947.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão: A natureza, o imaginário e o brincar.** São Paulo: Peirópolis, 2020.

PORTO, Sergio Eduardo dos Santos. **Cidades para brincar: Crianças e infâncias em debates sobre espaços públicos urbanos no século xx.** (Dissertação de Mestrado), Rio de Janeiro, 2020.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** Grupo Almedina (Portugal), 2016. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9789724425801/>. Acesso em: 29 mai. 2022.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

VAYER, Pierre; COELHO, Maria Helena. **A observação da criança.** São Paulo: Manole LTDA, 1990.